Spártacus

Ano I — Numero I | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 2 de Agosto de 1919

SPÁRTACUS

A maior figura da história romana é SPARTACUS.

Nossa educação aristocrática, de opressores, favorável sempre acs dominantes e aos governos constituídos, deixa na sombra essa alma extraordinária.

CARLYLE, em sua galeria heroica, se esqueceu do heroi *como revolucionario* e não viu, na biografia dêsse escravo, as revelações do mais desabalado heroismo. A história, parcialíssima, guardou, minuciosamente, os feitos do ambicioso e futilíssimo POMPEU, deu-lhe o triunfo sôbre SPARTACUS, e, dêste grande homem, registrou frases suspeitas e largos movimentos de campanha. PLUTARCO não nos biografa o gladiador; fala nêle biografando CRASSUS.

Não importa Para o símbolo vale muito a semi-obscuridão histórica. Ela apaga as circunstancias para focalizar o tipo em sua significação ideal. Tira dêle o muito humano que o degradaria e lhe infunde algo divino que sugere e nos seduz.

Seja como fôr, SPARTACUS avulta, cada vez mais, na história antiga. Esquecido sistemáticamente, sua efígie começa a iluminar-se no passado, desde que entre os homens repontou a sêde de justiça, o pruido de emancipação.

Os francêses de 89 elevaram-lhe uma estátua. Com o seu nome, Liebknecht apostolou a redenção dos homens na Alemanha. Sob a sua imagem os grupos comunistas derribaram, na Alemanha, o andor militarista, apressando a queda dos impérios. A' sua sombra inda militam contra lordes e argentários, para que se não renove o morticinio, nem se restaure o imperialismo.

SPARTACUS foi um clamor humano, o angustiado grito de milhões de mártires, um protesto sangrentíssimo contra os amos da República, a reclamação erguida em lei, a igualdade em rebelião.

Os tipos célebres de Roma são hediondos. CICERO, por exemplo.

Filho de um cavaleiro de Arpino, sem profissão que lhe rendesse nada, pois a lei Cincia lhe vedava receber honorários de advocacia, conseguiu acumular, em lances rápidos, cabedais que os autores mais modestos avaliam entre vinte e quarenta mil contos, hoje. Seus luxos, gastos e ostentações espantam. Possuia, pelo menos, oito *vilas*: a de Antio, a de Astura, a de Arpino, a de Cumes, a de Fórmia, a de Puzola, a de Pompei, a de Túsculo. Nos mais lindos quarteirões de Roma tinha seis palácios, um dêles de cerca de quinhentos contos. Deloume adita, a êsses, vários *diversoria*, casas intercaladas entre as grandes propriedades para descanso nas viagens. O próprio CICERO diz dêsses seus prédios que eram as *delicias da Italia*.

Numa das verrinas êle acusa ao concussionário VERRES, próconsul da Sicília, chamando-lhe maníaco de objectos de árte e alfaias ricas. Essa mania era igualmente a dêle, dispendendo nisso milhares e milhões.

No ano 68 antes de CRISTO, aos 39 de sua idade, escreve êle de Roma ao seu amigo ATTICO, na Grécia: «Paguei a L. CINCIO, segundo me escreveste, vinte mil e quatrocentos sestércios pelas estátuas de Megara. Já me delicio com os Hermes Pentélicos, de cabeças de bronze, de que me falaste. Manda-m'os o mais depressa possível e tudo o mais que achares próprio dêsse logar, digno do meu gosto e da tua escolha; venha o mais possível, sobretudo o que te parecer cabível num ginásio ou numo galeria. Nêste particular move-me uma paixão, reprovável pelos outros, mas que deves satisfazer. Si não conseguires o navio de LÊNTULO, põe tudo noutro qualquer». Em várias outras cartas a mania explode; e custava rios de dinheiro. Por uma mesa rara, deu êle cerca de oitenta contos de nossa moeda, ao par. Suas viagens eram principescas, grande comitiva e passadio régio. Sua prodigalidade nas eleições para pretor e consul foi desbragada. Fazia tudo sumptuosamente para conquistar votos e vencer os seus rivais, alguns dêles ultra-ricos.

Sua mulhér TERÊNCIA e sua filia TÚLIA, dignas dêle, gastavam por seu lado á farta. O intendente da mulhér, PHILÓTIMUS, roubava-o lamentávelmente; o terceiro marida da filha DOLABELA, arruinou a espôsa, abandonando-a grávida. Seu filho MARCO vangloriava-se de ser o maior bebedor da sua época e disperdiçava convencidamente as mesadas pingues.

Divorciou-se de TERÊNCIA e recasou aos 63 anos com uma tutelada muito moça, cujos haveres adquiriu assim *honestamente*. Repudicu também a moça para trescasar com uma tal CERELLIA, mais velha que êle e dinheirosa.

Onde porém a sua portentosa e misteriosa habilidade de ganhar *legalmente*, como êle o afirma (*salvis legibus*), é no alargamento de uma basílica no Forum, presente feito por êle ao povo (ingênuo povo!) e por OPPIO. Gastaram nisso perto de cinco mil contos, câmbio ao par.

E não falamos nas imensas construcções, nos seus jardins, nas fenomenais despesas predispostas ao seu ambicionado triunfo militar, nem nos projetos de um templo arquisoberbo a sua filha TÚLLIA.

De onde vinha êsse dinheiro todo? DELOUME demonstrou-o sem contestação possivel. Vinha da agiotagem, do jogo de bolsa, da sua parceria dilapidante com os publicanos a quem defendia com a palavra, com a influência, e mais, com a trapaça.

Vemos, na crónica de CICERO, a união bem viva, muito real, do político e do banqueiro. Os publicanos eram os agiotas, os incorporadores de grandes companhias, os extorquidores usurários das provincias. Precisavem, para garantia das suas transações, de um advogado, de um dominador político, fosse êle Cícero, Cezar ou Pompeu. Era necessário enganar o povo e os pequenos possuidores, dar côr legal ás formidáveis ladroeiras das sociedades por ações (em latim *partes*).

Para compreender-se bem o êxito de CICERO na bolsa, basta um fato. No ano 54, êle, o incrédulo, o autor do *De devinatione*, o chasqueador de *augúrios* e *baruspicios*, fez-se eleger áugure supremo. Com que fim? DELOUME salienta que, em fevereiro dêsse ano, CICERO estava mal de haveres. Sete mêses depois gastava com OPPIO os milhões para a basílica. E' que a posição de áugure lhe punha em mãos todas as notícias vindas das provincias pelos tabelários, correios oficiais. Êle sabia, antes de todos, dos sucessos militares e políticos das províncias; podia calcular os altibaixos das ações no mercado de Roma, jogar assim na certa.

E CICERO foi um dos homens públicos mais honestos. Todos os autores são concordes em insistir na exemplar probidade do seu governo na Cilícia.

Calculem-se os outros, por aí, um CEZAR, o ladravaz POMPEU, um CRASSO!

Contrastando com essa nata publicana, a mais horrenda escravidão.

Serviços públicos ou particulares exerciam-os, na opulência da República, escravos de toda a casta e de todos os paises.

Prisioneiros de guerras empregavam-se na construção de fortes, aquedutos, minas e pedreiras, esgotos e saneamentos, de envolta com cicários e ladrões. Eram *curiões* e serviam nas assembléas, eram *vespilões* para os serviços fúnebres, *lorarios* e *tabularios* para os correios, *edituos* ou *aparidores* nos templos, *tibicines* e *fidicines* nas procissões, *nomencladores*, *designadores*, *viadores*, *acensos*, *limocintos*, *lietores*, *preões*, *escribas* nas magistraturas.

Na lavoura são *vilicos* ou feitores *subvilicos* ou subfeitores, *monitores* para fiscalizarem, *saltuarios* e *circidores* para guardarem matas e campos, mestres de serviços, *mediastinos* para o serviço comum, *aradores*, *vinhateiros*, divididos em decúrias, e uma série inteira de *preladores*, *doliarios*, *sachadores*, *ocadores*, *raneadores*, *ceifeiros*; *agasões* para os cavalos, *bubuleos* para bois e carros, *caprarios* para as cabras, *aviarios* e *alitúrios* para a criação, *moleiros* e *padeiros*, mulher para o lanifício, *pulmentarias* e *focarias* para a cosinha; e mais os enfermeiros, *valetudinarios*, e os *arquitetos*, e os *tignarios* e os *ferreiros*; e os *aucupes*, os *vestigadores*, os *mansuetarios* para castigarem os culposos e rebeldes, e os *esgastularios* para os encarcerarem.

Um romano rico, senhor de vilas como CICERO, havia de ter o seu mordomo (*dispensator*), seus *vascularios* para cuidar dos moveis, seus *vestiarios* para cuidar da roupa, seus *ostiarios*, acorrentados como cães, para guardar a porta, seus *atrienses*, para velar no átrio, seus *atriarios*, para anunciar visitar, seus *admissionais* para as introduzir, seus *velarios* para suspender os reposteiros, seus *cubicularios* e *dietarios* para arrumar o quarto, seus *fornicadores* para lhe aquecer a agua, seus *balneadores* para lhe dar banho, seus *aliptes* para o perfumar, seus *untadores* para o untar, seus *celarios*, seus *penarios*, seus *cozinheiros*, seus *triclinarcas*, seus *invitadores*, seus *lectisterniadores* para arranjar os leitos, seus *scissores* para trinchar, seus *pregustadores*, seus *carptores*, seus *ofarios*, *libarios*, *bonitarios*, *crustularios*, *dulciarios*, para a confeitaria, seus *enoptes* para tratar do vinho e os muitos auxiliares de cada uma dessas funções.

E não falamos nos escravos e nas escravas das matronas. São inúmeros.

Deixemo-los de lado e vejamos a turba infelicíssima dos escravos incumbidos de divertir o povo com o próprio sangue.

Erem os *gladiadores*. Educavam-se, para a missão especialíssima de combater nos jogos, nos muitos *ludi*, escolas técnicas de atletas. Eram *bustuarios*, trenados no combate corpo a corpo, *retiarios*, armados de uma rêde e de um tridente, *mirmilões* armados á gauleza, *trécios*, armados como os trácios, *meridianos*, *laquearios*, *andabatas*, *pegmates*, *equestres*, *essedarios*, *catervarios*.

Esses desgraçados eram submetidos á mais dura disciplina. Exploravam com a sua vida como exploravam com as bestas feras.

Formavam-se companhias, compravam-se turmas no mercado, havia famílias exclusivamente de gladiadores. O vencido na arena era quase sempre morto.

SPARTACUS era gladiador; viera da Trácia. «Um certo LÊNTULO BATIATO, conta-nos PLUTARCO, mantinha, em Cápua, gladiadores, Gaulêses e Trácios quase todos. Duramente encarcerados, embora não culpados de nenhum ato mau, por simples injustiça do amo que os comprara e que os forçava, contra a vontade, a combater, tramaram, duzentos dêles, fugir. Descoberto o plano, setenta e oito, prevenidos, tiveram tempo de evitar a cólera do amo; entraram na bodega de um pasteleiro, apropriaram-se de espetos e facões e saíram da cidade. Toparam no caminho carros cheios de armas de gladiadores, transportadas para outra cidade; tiraram-nas, armaram-se com elas, apoderaram-se de um logar fortificado e elegeram tres chefes, o primeiro dos quais foi SPARTACUS, de nação trácio, mas númida de raça, que juntava á grande força muscular e á coragem extraordinaria, uma prudência e uma doçura muito superiores á sua sorte, e mais dignas de um grego que de um bárbaro».

Assim principiou a formidável luta, a guerra servil que mais amedrontou Roma.

Vários lances dessa luta nos revelam que o gladiador trácio compreendera o grande alcance, o alto valor significativo da sua rebelião. Refere um autor que, na sala de armas de BATIATO, em Capua, SPARTACUS dissera aos companheiros: «Si temos de arrancar nossas espadas não seja contra nós mesmos; arranquemo-las contra os nossos opressores». Essa frase foi um programa inteiro; resume, ainda hoje, todo um programa de libertação. SPARTACUS sentiu a sua humilhação, *in omnia obnoxii*, sujeitos a tudo e a todos, na expressão de FLORUS, comparou, instintivamente e racionalmente, seu infortúnio á prodigalidade dos seus senhores. Empreendeu a mais nobre das campanhas do seu século, a extinção do parasitismo publicano, hediondo regimen da avareza que arrancara dos próprios escriptores do seu tempo a mais severa reprovação.

Todas as aspirações de milhões de almas, aquela ansia de melhora, de redenção, de humanização, sem a qual não se teria feito o cristianismo, todo êsse protesto mudo das multidões escravizadas e maltratadas condensou-se em SPARTACUS.

Enquanto os Ciceros, os Cézares, os Crassos, os Pompeus, os Mários, os Silas os Otávios, grandes homens para a história, representavam a tirania da politiquice, do dinheiro, da corrupção, SPARTACUS e seus companheiros CRIXUS e ENOMAUS representavam a nobreza humana, a revolta contra a infamia, a não conformidade com o cezarismo, o repúdio dos exploradores.

Seu nome foi bandeira de um movimento heroico; será sempre essa bandeira enquanto houvér na terra um grupo potentado de dominadores de homens.

Nos gemidos dos famintos, no estertor dos soldados europeus assassinados, nos cantos de rebeldia proletária, no ranger das penas reivindicadoras, nas vozes dos tribunos libertários, no tumultuar dos comícios de protesto, em toda a parte onde bradar uma alma constrangida e chorarem olhos de oprimidos o espirito de SPARTACUS vibrará, cintilará uma faixa de sua irradiação, êle viverá, como impulso de revolta, como génio de renovação.

E' êle que nos brada, nestas colunas suas, impregnadas do seu sangue, do seu martírio, do seu exemplo, convocando os descontentes de toda a Terra para realisarem, de uma vez, a obra antiga de Harmonia Humana.

JOSÉ OITICICA.

EXPLICAÇÃO

Na impossibilidade momentanea de publicar *Spártacus* diariamente, como já fôra anunciado, resolvemos, de acôrdo com o camarada Oiticica, constituirnos em Grupo Editor de *Spártacus* semanario, até que ele possa tornar-se quotidiano.

Não pouparemos esforços para que isso se realize o mais cedo possivel. As dificuldades nos estimulam. Falhou a primeira tentativa, mercê da tratantagem burgueza. Falhou a segunda, pelos mesmos motivos. Faremos terceira, quarta, quinta tentativas, por outros meios, com outra gente. E *Spártacus*, vespertino e diario, sairá...

O apelo, que fizemos aos camaradas militantes nesta cidade, não foi feito em vão, como se verá pelo balanço das contribuições publicado noutra parte. Prova de vontade e de sacrificio, esse apoio constitue por si só incentivo bastante para que perseveremos no proposito em que estamos.

E eis, pois, *Spártacus*. Modesto, mas irreductivel, todo ele se consagrará á obra imensa de revolução social dos nossos dias.

José Oiticica. — Astrojildo Pereira. — Santos Barbosa. — U. d'Avila. — Izauro Peixoto. — Adolfo Busse. — Salvador Alacid. — Cruz Junior.

No norte do Brazil

O trabalhador rural arrenda um pedaço de terra, planta o algodão, colhe, mete-o em sacos e vae vender na cidade proxima aos compradores que roubam no peso, descontando 6 e 7 kilos. Estes compravam o algodão por 15$000 a arroba, descaroçavam-nos nas *bolandeiras* ou nos vapores e o vendiam por 60$000; hoje porém estão pagando a 8$000 e 10$000 a arroba, que é obrigada a ter 20 kilos, embora os compradores paguem como tendo 15 kilos. E o povo sujeita-se!

Cada trabalhador de usina ganha de 1$700 e 2$000 trabalhando 12 horas—ou de meio dia á meia noite ou de meia noite ao meio dia.

Vou fazer um pequeno calculo para se ver o lucro fabuloso; os numeros seguintes foram-me arranjados por um meu camarada que mora numa das nossas usinas:

Gasto diario: com empregados (mestre de fornalha, vira-bagaço, mestre de assucar, defecadores, etc.) 600$000; com 300 toneladas de cana 3:600$000; com as locomotivas 210$000; com as oficinas 70$000; com lenha 200$000; com um padre 8$000; com tres freiras professoras 6$000; com o medico 10$000; a farmacia 20$000; o maquinista e o foguista 10$000; e o escritorio 20$000. Soma 4:754$000. Eis ahi a despeza diaria.

Agora a receita.

A usina trabalha de Novembro a Abril, isto é, 6 mezes — 180 dias, produzindo 45.000 sacos de 60 kilos de assucar turbina durante todo esse tempo, o que dá diariamente 250 sacos que vendidos a 40$000 dão 10:000$000. O actual preço do turbina é 10$000 a arroba.

Portanto, a despeza diaria é de 4:754$000 e a receita é de 10:000$.

Lucro: mais de cem por cento!!!

Si a minha palavra fôr posta em duvida, direi qual é a usina pois já a visitei. E, note-se, uma das que menos lucro tem.

Em compensação, os caboclos dormem muitas vezes na boca da fornalha, por cima dos pranchões, esperando a hora da meia noite para pegarem o serviço.

O trabalho é exhaustivo, a diaria miseravel, o ar asfixiante, nenhum respiradouro.

As casas dos operarios são uns pardieiros sujos, infames, mas o padre e as freiras têm habitações relativamente confortaveis e o usineiro mora num palacete.

Ha um *barracão* onde os caboclos compram mantimentos e são roubados; demais o usineiro é socio do dito barracão.

Por cima de tudo, este e a familia rezam a valer; são de um cristianismo pavoroso.

Quando ahi estive, subi uma colina vizinha e olhando o triste e miseravel formigueiro humano a vegetar lá em baixo sem elevar as almas á Rebeldia, enchi-me de comiseração.

Por ultimo, tenho a contar que o dono dessa usina, que é fidalgo pelo Papa, disse que o governo devia mandar fuzilar todos quantos fossem revolucionarios e que si algum aparecesse lá nas suas terras, mandaria acabar com ele.

E são esses os pregadores da fraternidade cristã, da pobreza, da humildade, da resignação e outras falsas virtudes, proprias para beatas idiotas ou solteironas embecis.

Octavio Brandão

RERUM NOVARUM

A proposito do titulo

Rerum novarum já muita gente sabe que é o nome de batismo de uma celebre enciclica de Leão XIII sobre a questão operaria. Digo questão operaria e não digo questão social porque esta não existia para o papa e nem o papa a conhecia.

Pois aquela denominação de *Rerum novarum* passarei eu a adotal-a para titulo destas notas. O motivo é simples e vou dizel-o.

Rerum novarum creio bem que quer dizer «coisas novas», coisas novas no mundo, coisas nunca vistas nem previstas pela igreja, coisas graves, coisas serias. Leão XIII deu aquele nome á sua enciclica para lhe não dar qualquer outro que fosse aterrar a cristandade, fundir de mêdo a burguezia e fazer oscilar a propria igreja. Ninguem, de certo, esperaria que um papa, fosse ele qual fosse, e muito menos o finorio Leão XIII, désse áquele famoso documento um nome mais ou menos como este: «*Hora critica para a Igreja, hora critica e de esturro!*»

Seria grandemente sincero o papa que tal fizesse, mas seria tambem grandemente burro ao fazêl-o. Ora nós sabemos que Leão XIII não era, nunca foi, felizmente, para a Igreja, nem uma coisa nem outra.

Rerum novarum, a celebrada enciclica, nasceu do medo ao operario, á sua força e á sua colera. A igreja sabe que o operario a abomina e que um dia, fatalmente, a estrangulará. Sabe-o, e procura resistir-lhe, fingindo que conhece as suas miserias e procura remedial-as. O que ela procura, porém, é a aliança, cada vez mais forte, do Estado, do militarismo e do governo, com os quaes manobrou sempre de acordo para deter a onda avassaladora da revolta e da fome.

Eis porque *Rerum novarum* me serve para epigrafe destas notas. *Rerum novarum* são as coisas novas que a igreja teme, o advento do proletariado como classe e como força, os seus punhos cerrados e ameaçadores, as suas gréves, a solidariedade que o mantem de pé e coheso, a sua inteligencia, o seu ateismo, a sua colera, a sua justiça vingadora, as suas revoluções, — as triunfantes revoluções da plebe.

Assim, *rerum novarum*, — coisas novas que a igreja, fundamentalmente, odeia — são as coisas novas que, fundamentalmente, admiro e de que irei tratando, cada semana, nestas colunas, — mais solidas que as de Hercules, e bem mais solidas, sem duvida, que as da catolica igreja, apostolica e romana.

Roberto Feijó.

"A Plebe" diaria

Com uma tiragem sem exemplo na nossa imprensa, superior mesmo á de muitos jornalões burguezes, e largamente difundida por todo o Brazil, *A Plebe* constitue hoje um elemento valiosissimo e indispensavel na obra de transformação social, que tambem nesta parte do mundo se vai realizando.

Mas essa obra avulta e intensifica-se cada dia, e o semanario, por muito que faça, já se torna insuficiente.

As necessidades reclamam jornais quotidianos.

E *A Plebe* estará, pois, diaria, dentro de pouco, multiplicando consideravelmente a sua eficiencia revolucionaria.

Aos camaradas de S. Paulo a nossa mais calorosa saudação de entusiasmo pela grande iniciativa.

Proclamação da Hungria Comunista aos Trabalhadores do Mundo.

Telegrama da Havas, datado de 30 p.p.:

LONDRES—Noticias de Budapest dizem que, em resposta á recente nota dos Aliados sobre o governo comunista chefiado pelo Snr. Bela Kun, o Soviet da capital hungara dirigiu aos proletarios do mundo uma proclamação, na qual diz:

«Os governos burguezes da Entente querem afogarnos em um mar de sangue e calunias.

«Budapest conta apenas um milhão de habitantes, dos quaes quinhentos mil trabalhadores votaram nas primeiras eleições, a favor da constituição dos Conselhos Operarios.

«Isto, porém, segundo a Entente, não significa a manifestação da vontade de um povo, porque, para ela, a vontade burgueza é que significa a vontade do povo.»

A proclamação termina por um convite a todos os operarios do mundo para que enviem representantes para ver—«o nosso trabalho, prestes a destruir o capitalismo.»

Aspectos da luta de classes

Com o desenvolvimento crescente das organizações proletarias no Brazil, a burguezia sentiu tambem a necessidade de arregimentar-se em organizações de resistencia, contra as exigencias que vão sendo feitas pela classe trabalhadora. A burguezia estava—e ainda está em grande parte—organizada internacionalmente: faltava-lhe, contudo, a organização de cada ramo de industria, comercio, minas ou outro qualquer campo de exploração.

Essa organização da exploração burgueza, descentralizada, permite, quando alguma classe operaria se lança em grève, aparentemente trazer resultados beneficos ao patronato, empregando o *lock-out* contra a classe grevista.

E' puro engano. O *lock-out*, longe de beneficiar o patronato, concorre para criar o odio contra os burguezes e acelerar a luta de classes, o que fatalmente trará o triunfo rapido e definitivo para os trabalhadores.

E' um facto observado que o operario, por mais passivo que seja, quando se vê impossibilitado de trabalhar, porque o patrão que o explora o jogou na rua, sente-se revoltado e começa a experimentar os efeitos da ação nefasta da organização capitalista e, portanto, a necessidade de combatel-a sem tréguas. Na Europa, no periodo de organização proletaria, por que nós estamos passando agora, as grêves mais violentas e que mais resultados traziam para a classe trabalhadora, eram justamente as que resultavam de um *lock-out* dos industriaes.

O proletariado europeu, depois de passar por essa fase da luta, conseguiu criar uma organização solida e forte, de tal modo que o capitalismo já não se atreve mais a pôr em pratica essa medida antiquada, porque compreendeu que traz resultados contraproducentes.

No Brazil, o patronato está usando com frequencia essa arma para combater o proletariado: sendo no Brazil a organização capitalista a mesma que na Europa, empregando os mesmos metodos aqui como lá, o resultado será o mesmo: as mesmas causas produzem os mesmos efeitos; apenas no Brazil, os trabalhadores terão de vencer esse obstaculo, depois de os trabalhadores o terem vencido na na Europa.

Outro meio de que a burguezia lança mão consiste na formação de sindicatos catolicos, isto é, dos *amarelos*, com que pretende desviar o operariado da ação directa do sindicalismo revolucionario.

Sabemos que, devido á ignorancia lamentavel de uma grande parte dos trabalhadores, na Europa, sobretudo, a infiltração dessas mistesas e negras sombras do passado nos meios proletarios, conseguiu arrebanhar regular numero de operarios e com eles formar os taes sindicatos catolicos. Dispondo de recursos monetarios e de tempo para iludir aos incautos, facil lhes foi tirar partido da situação cindindo a classe proletaria em duas correntes.

Durante algum tempo puderam embaraçar a ação revolucionaria da parte activa do proletariado, porque, divididos em dous campos, os revolucionarios tinham que combater dous inimigos: o capitalismo aliado á ação nefasta do clero e do Estado, e uma parte de trabalhadores que se prestavam a defender os interesses dos seus exploradores.

Aqui, no Brazil, paiz de cópia e imitação, onde os acontecimentos de outros paizes se refletem como num espelho, a burguezia tambem está lançando mão desse recurso, mandando os *corujas* de batina intrometer-se nos meios operarios para desvial-os das suas organizações e formar os sindicatos *amarelos*. Monsenhor Rangel, o parlapatão-mór, como bom burguez e mercador, é o chefe do bando que pretende dirigir os trabalhadores que, constituidos em rebanho, com o seu pastor á frente, esperam conquistar o reino dos céus.

Não duvidamos que ainda haja alguns individuos, ignorantes uns, e eunucos outros, que não se achando com a coragem suficiente para enfrentar as asperezas da luta, sigam o pastor e elevem préces ao *Altissimo* para que venha em seu auxilio na terra. Destas infelizes e ingenuas criaturas ainda ha regular numero entre nós, mas isso não nos causará embaraço: chegaram demasiado tarde para formar obstaculo á nossa marcha.

Si é verdade que as organizações revolucionarias daqui não são uma força verdadeiramente positiva, em compensação constituem a unica força capaz de tomar a iniciativa de qualquer movimento, sem que as demais organizações de orientação conservadora e dominadas por padres e politicos possam impedir a sua realização; sendo organizações sem vida propria, e, portanto, cousas mortas, cairão ao menor embate.

Aos revolucionarios compete acelerar a sua quéda, desenvolvendo activa propaganda anti-religiosa, anti-estatal e anti-capitalista.

Antonio Fernandes.

A democracia nos Estados Unidos

Uma descarada "camouflage"

Dos telegramas que têm sido publicados pelos nossos colegas burguezes, sabe-se que está travada uma luta selvagem dos brancos americanos contra os desgraçados negros que, depois da escravidão, foram reduzidos á miseria pela democracia plutocratica dos Estados Unidos.

Na verdade ha esse grave conflicto na terra do dolar, mas todas essas noticias telegraficas são uma descarada *camouflage* da questão social e um estupido pretexto para desviar a atenção dos trabalhadores da verdadeira luta que o proletariado americano travou contra o desalmado capitalismo reinante.

Pensam os exploradores telegraficos da America que conseguem desfigurar a reivindicação proletaria pintando-a de preto e branco, como aqui se faz no estandarte dos Democraticos.

Cremos que esse processo carnavalesco é em pura perda, porque, apezar dos pezares, os americanos levam mais a vida social a serio do que se imagina assistindo as infames fitas dos nossos cinemas.

A luta da raça branca contra a raça preta é um simples episodio de que se valeu a burguezia americana para conjurar a sua irreparavel perda.

Em breve, nós saberemos que da matança dos negros surgirão as conquistas vermelhas e com elas o comunismo da sociedade futura.

E quanto a nós cuidado!

A'manhã, por conta da *camouflage* americana, os nossos burguezes são capazes de provocar a luta dos *democraticos* com os *fenianos*.

D. E.

O caso das bombas

A ultima fita de Aurelinoff

Não é fóra de tempo lembrar a ultima fita com que Aurelinoff, ajudado pelo ex-Major, quiz encher o olho ao novo presidente, a ver si este tambem o conservava ainda naquele posto de... sacrificio, que é a chefia de policia.

Os jornais contaram o caso, que é simples e de feitio antiquadissimo: uma horda de policiais arrombando o quarto de um operario, prendendo o morador, revistando todo o aposento e—eureka!—encontrando... a mala das bombas!

Conspiração!

No dia seguinte a imprensa burgueza fazia estardalhaço: retrato dos presos, fotografias das terriveis bombas, com os respectivos estopins, etc., etc.

Mas desta vez, como de outras, a fita queimou-se. Um pedido de habeas-corpus, impetrado a tempo, botou na rua os dois operarios presos.

Fala-nos o camarada Adriano

O camarada Adriano Pinto da Costa, um dos presos, contou-nos o que lhe sucedeu:

—Eu estava á porta do restaurante «A Garôta», rua Buenos Aires, tendo acabado de almoçar, quando me apareceu o ainda Major Bandeira de Mello, o qual, com aquela delicadeza hipocrita, traiçoeira e cobarde tão sua, me convidou, em nome do Chefe, a ir até a policia Central. Isso foi por volta do meio dia de 21 p.p. Como eu estava trabalhando e nada houvera comigo naquela manhã, de bôa fé cedi ao traiçoeiro convite, embarcando no mesmo automovel do Major, rumo á rua da Relação. Conduziram-me ao Corpo de Segurança. Foi então que eu soube da cilada em que havia cahido.

Adriano atribue a sua prisão á Light. Ex-empregado da poderosa empreza, de onde foi despedido por motivo das suas idéas, ele é um organizador esforçado, mantendo, ha mezes, uma tenaz campanha contra a reacionaria companhia canadense e a favor da agremiação do seu pessoal em associação de classe. Dahi o odio que lhe vota a Light. Esta, de conluio com Aurelinoff, quiz aproveitar uma oportunidade para livrar-se do «perigoso» agitador. Mas, como se viu, o plano falhou lamentavelmente...

Sobre o seu passadio na policia, Adriano contou-nos horrores:

—Meteram-me no xadrez, atulhado já de mais de cincoenta desgraçados, ladrões, vagabundos, mendigos, etc. Aquilo é um clamoroso atentado á higiene e á moral. Vi cousas espantosas, cenas degradantes...

E o camarada Adriano narrou-nos episodios que não saberiamos passar ao papel, para não manchar o papel.

CONGRESSO INTERNACIONAL SINDICALISTA DE AMSTERDAM

Está reunido em Amsterdam este Congresso, no qual tambem se acha representado o proletariado do Brazil, na pessoa da camarada Antonio Canelas, delegado da Federação de Resistencia das Classes Trabalhadoras de Pernambuco e da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro.

Terminado o Congresso, o camarada Canelas, que desde janeiro se encontra na Europa, regressará ao Brazil, a cujo proletariado exporá os resultados da sua missão.

DEUS E O FERREIRO

I

O FERREIRO (subindo a montanha) — Diz o snr. cura que Deus tudo sabe. Vejamol-o agora.

II

O FERREIRO (no cume) — Senhor Deus, vós que estaes em toda parte, sem duvida estareis por traz desta nuvem...

DEUS — Sim.

FERREIRO — Senhor, desejava falar-vos.

DEUS — Já sabia.

FERREIRO (pensativo) — Já o sabieis?! Ha muito tempo?

DEUS — Ha uma eternidade que o sei.

FERREIRO—Sabeis tambem que desejo pedir-vos um favor?

DEUS — Sei-o.

FERREIRO — Então vamos ao caso. Senhor, minha mulher está em vesperas de ter um filho.

DEUS — Já sei.

FERREIRO — E eu quero que me digais que vai meu filho fazer no mundo. Desde que tudo sabeis, sem duvida conhecereis ha muito o que fará meu filho sobre a terra.

DEUS — Ha uma eternidade que o sei.

FERREIRO — Até em seus menores detalhes? Sabeis tudo, absolutamente tudo?

DEUS — Tudo, tudo...

FERREIRO—Então, Senhor, por caridade, dizei-me que fará meu filho. Dizei-me, ao menos, que más ações praticará.

DEUS — Escuta. Aos cinco anos teu filho cometerá o primeiro roubo.

FERREIRO — Como?! E' possivel que aos cinco anos... Eu saberei fazer dele um homem de bem. Sua mãe, que é uma bôa mulher, me ajudará nessa tarefa.

DEUS — Quando teu filho completar os cinco anos, já estarás na sepultura. Será tua mulher mesmo quem, extraviada pela miseria, induzirá teu filho ao roubo.

FERREIRO — Deus meu! Meu Deus! Como é possivel que permitais essas cousas?! Como é possivel que permitais que a fome e a desesperação tornem má a minha pobre mulher que é honrada e bôa? Como é possivel que consintais que um inocente seja pervertido por sua propria mãe?...

DEUS — Aos sete anos teu filho fugirá de casa, roubando as roupas á tua mulher. Aos dez servirá de espia aos ladrões dos suburbios. Aos doze será jogador. Aos treze irá para a cadeia. Aos quatorze trabalhará nas minas. Aos dezeseis terá o vicio de beber. Aos vinte matará um companheiro por causa de mulher. Aos vinte sete fugirá do presidio. Aos trinta será capitão de bandidos. Aos trinta e um irá para a guerra. Aos trinta e dois será rico e fará que outros homens trabalhem para ele. Aos trinta e oito terá malbaratado metade de sua fortuna. Aos trinta e nove perderá no jogo a outra metade e em seguida dará cabo da vida por meio de um tiro de revólver.

FERREIRO (chorando) — Deus meu! Vós, que tudo podeis, ouvi minha suplica: não permitais que nasça meu pobre filho, ou fazei que seja bom!

DEUS — E' impossivel. Ha uma eternidade que eu sei positivamente que tal acontecerá. Si eu atendesse ao teu desejo e essa criança não nascesse, ou viesse a nascer bôa, eu me tenha enganado. Vai-te!

III

O FERREIRO (descendo da montanha)—Uma série de circunstancias fataes se produzirá para qua minha mulher deixe de ser bôa e meu filho criminoso. E Deus diz que isso não tem remedio. Deus diz que não pode ouvir minhas suplicas, porque si esse menino não nascesse ou chegasse a ser bom, ele se houvera enganado. Então Deus não pode fazer o que deseja e está encadeado pelo que ele mesmo sabe?

IV

FERREIRO (subindo novamente á montanha) — Eu necessito saber, ao menos, si meu filho será condenado, ou não. Si ele vem á terra para cumprir forçosamente essa horrivel missão que me anunciou o Senhor, é claro que não poderia ser castigado. Não poderá fazer outra cousa sinão isso que Deus prevê: porque si outra cousa fizesse ter-se-ia equivocado. Meu filho não terá, pois, liberdade; e, portanto, tampouco terá responsabilidade. Porque, pois, haveria de ser castigado?

V

FERREIRO — Senhor! dizei-me por piedade: não poderá meu filho fazer outra cousa que não aquilo que me haveis dito?

DEUS — Não: porque ha uma eternidade que eu sei que ele assim procederá e eu não posso enganar-me.

FERREIRO—Nenhum poder humano ou divino poderia, portanto, fazer que meu filho deixasse de cometer aqueles crimes?

DEUS (impaciente) — Nenhum! Nenhum!

FERREIRO — Uma ultima palavra. Dizei-me: será condenado ou se salvará, meu filho?

DEUS — Teu filho irá para o inferno por toda a eternidade.

FERREIRO — Porque?

DEUS — Irá teu filho para o inferno como castigo a suas más ações.

FERREIRO — Mas isso é injusto! Para que não vos enganeis é preciso que meu filho faça o que vós sabeis que fará. Meu filho não poderá fazer outra cousa. Meu filho, meu filho que ainda não nasceu, reparai bem, tem já um programa a cumprir forçosamente no mundo. Que responsabilidade lhe cabe então? E si não tem responsabilidade, porque o haveis de castigar?

DEUS (irado) — Insolente! Retira-te e já da minha presença!

VI

FERREIRO (descendo a montanha) — Tenho as minhas suspeitas de que não estive a falar com Deus. Até me parecia em alguns momentos reconhecer a voz do sr. cura. Como poderia Deus ser tão injusto que castigasse aos pobres diabos que vêm ao mundo para executar forçosamente, imediatamente, um programa que Ele conhece ha uma eternidade? Seu conhecimento das cousas futuras é incompativel com a nossa liberdade e, portanto, com a nossa responsabilidade. E si não somos responsaveis, como nos castiga? porque?

O CURA — Filho meu; não medites, não penses, não trates de compreender. A razão é inimiga de Deus. A fé está acima da inteligencia. Crê, crê sempre, ainda que não compreendas. Como é que tu, miseravel verme, pretendes entender os designios de Deus? Crê e não medites; tem fé e não raciocines.

O FILOSOFO — Homem; a razão vale mais que a fé. A fé é uma venda, a razão um facho de luz. A fé é um jugo; a razão uma aza. A fé te faz escravo; a razão torna-te livre. Aquele que te diz: «tem fé» quer escravizar-te. O que te diz: «despreza a razão», quer arrancar-te as azas.

Alejandro Parra M.

Comité Anti-clerical

Continúa a realisar pelos arrabaldes comicios de protesto contra a intromissão da horda clerical nos meios proletarios.

O que ha fazer não é estar sempre a gritar «Viva a Liberdade!», mas sim tomal-a.

Ramón Gomez de La Serna

Nossos festivaes

Constituiu verdadeiro exito o ultimo festival da L. C. F., pró-edição do folheto "A familia em regimen comunista" e levado a efeito no salão do C. C.

Em a nossa velada de amanhã tomarão parte, dentre outros camaradas, Palmeira, Oiticica, Brandão, Amilcar, Elvira, Carolina e Ernestina Boni e S. Barbosa.

A União das Costureiras vai dar tambem a sua festa de hoje a oito dias, no Centro Cosmopolita.

O programa consta de conferencia, variedades e baile familiar.

Cada ingresso custa apenas um mil réis.

DINHEIRO!

E' o que sériamente recomendamos aos camaradas a quem remetermos SPÁRTACUS.

Dinheiro! Dinheiro! Dinheiro!

BOM HUMOR, MAU HUMOR...

Agora que Aurelinoff não é mais dictador da cidade, já podemos publicamente e previamente discutir os meios pelos quaes terá ele em breve de pagar as graves contas que nos deve a nós outros revolucionarios da anarquia. Eu tenho a minha opinião formada sobre o assunto e discordo da que tenho ouvido aos camaradas. O Orlando, por exemplo, é de parecer que se raspe a cabeça ao fulano, vestindo-o apenas com uma camiza de mulher e em seguida largando-o em plena Avenida, á chufa da garotada. Para o Palmeira ele deve ser faxineiro e latrineiro no proximo futuro quartel geral da Guarda Vermelha. O Isauro, mais divertido, prefere vel-o dansar de velho sobre uma chapa de ferro num brazeiro, doze horas seguidas, ao som da canção «A Bahia é boa terra — Ela lá e eu aqui...» Implacavel é a pena lembrada pelo Astrojildo: engulir, em praça publica, perante a multidão, e a sêco, todas as circulares, notas, informações aos tribunaes, etc., por ele redigidas contra os anarquistas, e depois enforcamento com uma corda feita das tripas do ex-Major hoje Tenente-Coronel Bandeira de Melo. Como vocês vêm, isso tudo é pura barbaria. Esses camaradas são terroristas e querem levar as cousas a ferro e fogo... Mas eu sou um individuo consideravelmente mais calmo e sentimental, e opino, pois, por uma pena suave, branda e humana: assim uma cousa como a leitura diaria, de fio a pavio, das mediunicas Notas *do maximaluco Matos da* Razão... *A nãoser que Aurelinoff, entre isto e o fuzilamento sumario, prefira* sponte sua, *o fuzilamento.*

TRISTÃO

Pró SPÁRTACUS

Subscrição voluntaria entre os amigos do jornal, promovida em sessão do Partido Comunista do Brazil:

Lista n. 2, a cargo de	Anacleto R. Machado	17$000
„ „ 3, „ „ „	Manuel Quesada	250$000
„ „ 4, „ „ „	N. N. (parte)	50$000
„ „ 5, „ „ „	Aquilino Lopes	103$000
„ „ 6, „ „ „	Alvaro Cerdeira (parte)	57$000
„ „ 7, „ „ „	F. J. Taveira	47$000
„ „ 8, „ „ „	Felix Gomes	30$000
„ „ 9, „ „ „	Soares Colin	14$500
„ „ 10, „ „ „	R. Bolleli	2$000
„ „ 11, „ „ „	J. Augusto da Silva (parte)	25$600
„ „ 12, „ „ „	Antonio Fernandes	76$500
„ „ 13, „ „ „	Maximino Rodrigues	100$000
„ „ 14, „ „ „	Emilio Coselli	60$000
„ „ 15, „ „ „	A. Azar	109$000
„ „ 17, „ „ „	Demetrio V.	18$000
„ „ 18, „ „ „	Mario Nelson	7$000
„ „ 20, „ „ „	A. e C.	50$000
„ „ 21, „ „ „	P. C. B., nucleo de Niteroi	17$000
„ „ 22, „ „ „	Aurelio Durães (parte)	62$000
Partido Comunista do Brazil, nucleo do Rio		100$000
Colecta na sessão do dia 11, no P. C. B.		54$700
Aliança dos Empregados no Comercio e Industria		25$000
Lista permanente a cargo de Isauro Peixoto		33$000
	Total . . .	1:308$300

Pede-se aos camaradas, que ainda têm listas em seu poder, o favor de as devolver a esta administração.

Pelo Comunismo

A revolução é um factor biologico. Dentro da propria ordem natural vae ganhando terreno a revolução, porque a Natureza, que é evolutiva em seu meio, é revolucionaria em seu fim. No reino vegetal, como no reino mineral e animal, tudo é susceptivel de transformações e modificações parciaes ou totaes, devido ás influencias do meio ambiente, fisico ou social. Tudo se agita no mundo organico porque tudo obedece a determinantes quimicas que vivem em desharmonia com os corpos que povôam o planeta.

Por uma revolução quimica e organica dos vegetaes, perdem estes a sua fórma natural, dando lugar a novas fórmas; nos mineraes é ainda mais visivel a transformação dos corpos. No reino animal, porém, muda de aspecto a questão.

O homem não é imutavel; é sempre susceptivel de modificações psicologicas, que acabam por operar modificações sociaes. O homem evolue dia para dia. A engrenagem social crêa cada vez mais necessidades a que o homem se veria impossibilitado de satisfazer. O ideal se faz mais complexo, o pensamento surge, as necessidades reclamam satisfação; dá-se o conflito e a transformação social torna-se cada dia mais urgente, mais necessaria, mais humana. Porque «anarquico é o pensamento e para a anarquia caminha a historia.»

A transformação social por «gradação politica» é um fino sofisma, cujo fim nós anarquistas prevemos. Uma reforma parcial é um paliativo, visto que ataca os efeitos deixando incólumes as causas.

Por um principio de economia não devemos ir «de degráo em degráo»; seriam muitos choques e muito desperdicio de actividades. Custe-nos, embora, mais um pouco, cheguemos ao extremo, cortemos o mal pela raiz. E' o unico meio de nos libertarmos dele.

A sociedade presente está enferma, cronicamente enferma; é obra humanitaria destruil-a, substituindo-a por outra mais de acôrdo com a aspiração da humanidade escravizada. O comunismo anarquico é o remedio eficaz, unico capaz de purificar integralmente o organismo social vigente.

Na ordem politica, somos anarquistas porque condenamos todo direito de mando e todo dever de obediencia. Na ordem intelectual queremos o livre exame. Na ordem economica prégamos pelo comunismo porque acaba com a exploração do homem pelo homem.

«A cada um segundo as suas necessidades; de cada um segundo as suas forças» Para com todos o respeito mutuo e a solidariedade. Isso ensida a ciencia moderna. Isso prova a sociologia.

Por cima da desordem legal implantemos a ordem libertaria.

E. Romano Crocci.

A administração por turnos

Eis um sério e momentoso problema de organização revolucionaria, que reclama a atenção de todos os militantes operarios.

Ha no ultimo numero da «Sementeira» aqui chegado, umas observações muito judiciosas sobre o assunto, em comentario a palavras do camarada Brupbacher, insertas em artigo publicado pela «Vie Ouvrière», de Pariz.

«O sindicato tem, entre os seus fins, a educação dos seus membros, tornando-os «sindicados» a valer, aptos para o desempenho de funções sociaes, desde ás mais modestas ás mais complicadas. Cumpre-lhe chamar «todos» os seus membros á «ação sindical» sob todos os seus aspectos, começando por onde fôr preciso começar, como se adestram recrutas. Sem isso, o sindicato tenderá sempre para o grupo burocratico e parasitario, e a gerencia colectiva da produção será mais uma ficção, por mais moderna que seja a fraseologia revolucionaria com que a encubram».

A função cria o orgam. Efectivamente, por mais revolucionario e anarquista que seja o individuo, o exercicio prolongado dum cargo qualquer de direção e coordenação, de secretaria e papelorio, leva-o necessariamente ao burocratismo esteril, empecedor e autoritario. E' humano.

Ha nisso um duplo inconveniente: para o individuo e para a colectividade.

De modo que, a administração por turnos aparece como a solução unica para o caso. Com referencia ao individuo, porque não o deixa prolongar-se na função administrativa burocratisante; com referencia á colectividade, porque emprega cada um dos seus membros naquela função, exercitando-os a todos igualmente, tornando a todos igualmente aptos e capazes.

Vale, pois, adotar desde já, nas nossas associações, esse novo sistema, em vez do das eleições. Estabeleça-se como regra: comissões executivas ou directorias formadas par turnos, obedecendo-se ao criterio da ordem alfabetica ou da inscrição dos socios, e com tempo de exercicio mais limitado que hoje, 3 mezes, por exemplo. O tempo dirá si a pratica de tal sistema vem realmente dar cabal solução ao problema.

Como quer que seja, o assunto está no tapete da discussão, e muito gostaria eu de vel-o debatido pelos camaradas.

Pedro Sambê

A propriedade não póde existir sem que a auteridade a ampare sob as suas azas, e disso a cada passo temos provas patentes; a autoridade, e isto é menos claro, mas tão certo e até mais certo, si é possivel, não póde bazear-se solidamente sinão sobre a propriedade.

Cánovas del Castillo

LIGA COMUNISTA FEMININA

Garcia Margiocco é um escriba de *A Careta*. E como todo profissional do jornalismo burguez, na sua quasi totalidade, um venalissimo escriba. Garcia Margiveco depois de ter trinçado muita idiotice contra os anarquistas, espárramou ali pelas ultimas paginas daquela revista, uma diarréa de cousas infames a proposito de um manifesto editado pela L. C. F., ao mesmo tempo que punha em duvida, duma fórma que bem o recomenda, a ele, Garcia Margiocco, actuante no meio burguez, a honestidade das nossas camaradas... E á comissão que o foi convidar a reafirmar, frente a frente, publicamente, os seus conceitos canalhas, Garcia Margiocco, o jornalista, visivelmente enrodilhado, confuso e acobardado, prometeu comparecer á memoravel sessão extraordinaria, para esse fim convocada e que se realisou domingo ultimo na séde do Centro Cosmopolita... Mas lá não foi, talvez por precaução... e excésso de temeridade...

Contudo a assistencia numerosa, de pessoas de ambos os sexos, ouviu com o maior interesse a palavra convincente, sincera e desapaixonada dos camaradas Alvaro Palmeira e José Romero, terminando a reunião por entre vivas e morras e ao som entusiastico da *Internacional*.

— E ao distintissimo confrade Garcia Margiocco, gloria unica, por pouco, da nossa honrrrrradissima imprensa de balcão, temos o grato prazer de participar a edição de mais dez mil (10:000) daqueles manifestos. E' a ultima resposta que lhe dá a Liga Comunista Feminina.

Toda a correspondencia para a L. C. F., deve ser endereçada á camarada Elisa Gonçalves, praça da Republica, 231.

Brochuras de propaganda

O que é o maximismo ou bolchevismo—*Programa comunista*—por Helio Negro e Edgard Leuenroth—um belo volume de 128 paginas.... $800

◊◊◊◊

Luta sindicalismo revolucionaria—*Meios e finalidade*—por Carlos Dias—um volume de 104 paginas........... $600

◊◊◊◊

Dictadura policial—por Astrojildo Pereira......... $200

◊◊◊◊

A familia em regimen comunista—trecho varios—edição da Liga Comunista Feminina........................ $200

+ **Vendem-se nesta redação** +

Ação proletaria

A gréve dos tecelões.

Continúa insoluvel, o movimento grévista parcial dos tecelões.

O carrancismo estupido e bronco dos industriaes do Centro de Tecelagem, a cuja frente se acha o mastodontico Lourival Souto, não atende aos justos e pequenos reclamos dos operarios. Estes, em compensação, têm-lhe oposto uma resistencia heroica, desde dois mezes. Vencidos pela fome, muitos deles têm regressado ás oficinas escravisantes, mas ha uma parte que se mantem absolutamente irreductivel.

A luta atingiu uma extrema tensão, empolgadora e impressionante.

Dahi, o movimento de solidariedade das outras classes, com a Federação dos Trabalhadores e a Federação de Vehiculos á frente.

Esta ultima procurou os industriaes, oferecendo os seus bons oficios para negociar um acôrdo entre as partes litigantes. Os industriaes, porém, permanecem duros como pedras...

E como pedras, talvez, eles hão de quebrar.

Com efeito, a efervescencia aumenta, entre as demais classes obreiras, havendo sérios indicios de uma gréve geral de solidariedade aos tecelões.

Neste sentido, já domingo ultimo se realisou.

Um grande comicio,

promovido pela Federação dos Trabalhadores.

Foi uma bela manifestação de fraternidade operaria.

Já os jornaes diarios publicaram resumos dos vehementos discursos pronunciados, perante a enorme multidão, pelos camaradas Antonio Fernandes, em nome da comissão executiva da Federação dos Trabalhadores; Pereira de Oliveira, presidente da União dos Operarios em Fabrica de Tecidos; Antenor Faria, secretario da mesma; José Romero, da Aliança dos Empregados no Comercio e Industria; Adalberto Vianna, da União dos Oficiaes Barbeiros, e outros, todos aplaudidos com calor e entusiasmo.

Um manifesto.

Sabemos que a Federação das Trabalhadores dirigirá um longo manifesto ao proletariado de todo o Brazil sobre o caso, expondo a serie de violencias e arbitrariedades de que hão sido victimas os grévistas tecelões, nesta capital e noutras localidades do E. do Rio.

E vai assim a agitação num crescendo, mercê da teimosia reacionaria do Centro de Tecelagem, cabendo, pois, a este, unicamente, a responsabilidade da grave situação creada pela gréve geral, que se vai tornando inevitavel.

O lock-out dos marceneiros.

Até á hora em que são escritas estas linhas continúa a paralisação em algumas marcenarias, devido ao lock-out, aliás, gorado, dos industriaes.

Os operarios mantêm-se firmes e é de prever para breve uma solução satisfatoria das poucas casas que teimam em sustentar a suspensão dos trabalhos.

O movimento dos graficos.

Já de ha algumas semanas que os graficos vêm cogitando, em assembléas sucessivas, de uma série de melhorias de salario e regimen de trabalho a ser reclamada dos industriaes.

Neste sentido uma circutar, expondo minuciosamente as pretensões dos graficos, foi entregue aos proprietarios dos jornaes.

Um destes, o burguezissimo Botelho do *Jornal do Comercio*, nem se deu ao trabalho de examinar a circular, ao que parece.

Dahi, o conflicto: gréve nas suas oficinas, não tendo sahido as edições vespertinas; e as matutinas, imperfeitissimas, sendo feitas pela carneirada passiva do *Correio da Manhã*.

O movimento dos graficos merece toda a nossa simpatia e oxalá saibam eles, que têm nas mãos uma das mais estupendas armas de combate á burguezia, corresponder á expectativa, mantendo-se á altura dos exemplos dos seus colegas de além-mar.

Os barbeiros.

Desde hontem que esta classe se acha em gréve. E' um movimento justissimo, tendo em vista um razoavel aumento nos ordenados, participação proporcional nos lucros e abolição completa da gorgeta.

Como se vê, as pretensões dos oficiaes barbeiros não se limitam a melhorias de ordem economica, pois a abolição da humilhante gorgeta tem uma significação altamente moral.

Bravos!

Outras gréves.

E' o sinal dos tempos. E impossivel se torna uma resenha completa dos movimentos grévistas nas colunas insuficientes de um semanario.

Registremos ainda, porém, as gréves dos carvoeiros das ilhas, que pleiteiam aumento de salarios, dos vassoureiros (antes lock-out), dos operarios da fabrica de vidros Esberard...

Comicios da A. dos E. no Comercio e Industria.

Esta novel e ardorosa agremiação tem promovido varios comicios na praça publica, estando ainda marcados para o mez de agosto os seguintes:

Dia 3, largo do Estacio, ás 5 horas.

Dia 6, praça da Bandeira, ás 8 horas.

Dia 10, praça Tiradentes, ás 4 horas.

Dia 13, largo do Machado, ás 8,30 horas.

Dia 17, estação do Meyer, ás 4 horas.

Dia 20, largo da Carioca, ás 8 horas.

Dia 21, largo do Deposito, ás 3 horas.

Dia 21, comicio monstro na Galeria Cruzeiro, ás 5 horas.

NOS ESTADOS.

Infelizmente a falta de espaço nos obriga a deixar sem registro as noticias concernentes á ação proletaria pelos Estados.

Não passaremos, porém, sem uma referencia especial, embora rapidissima, á grande gréve do Recife. Segundo os telegramas, o movimento empolgou todas as classes, solidarias com os empregados da Pernambuco Tramways (a Light de lá), que cedeu, por fim. Inclusive os graficos, que tambem paralisaram o trabalho, não se publicando, durante alguns dias, nenhum jornal, excepto a esforçada *Tribuna do Povo*, que é o orgam da Federação de Resistencia das Classes Trabalhadoras de Pernambuco.

Uma entusiastica saudação aos camaradas pernambucanos.

Nada temos com isso

Novo governo: velha historia... O rei morreu: viva o rei! Sai Delfim, entra Epitacio. Mas, Epitacio, Delfim, ou Brederodes, vem tudo a ser a mesma cousa. A exploração dos que trabalham pelos que não trabalham continúa. A miseria continúa para os pobres e a fartura e o superfluo continuam para os ricos. Continuam os impostos, e provavelmente aumentarão. Continúa a piratagem legalissima dos tubarões dourados da industria e do comercio. A vadiagem parlamentar continúa a ser paga pelos mesmos cem mil réis roubados ao suor do povo. A boa e grande imprensa bem pensante continúa com a pena em leilão, distilando veneno, promovendo chantagens, traficando com a opinão publica. Os grandes palavrões solenes continuam a azucrinar-nos os ouvidos: a Patria, pela boca dos agiotas cosmopolitas; o Direito, pela boca dos canhões; a Familia, pela boca dos prostitutos de ambos os sexos; a Honra, pela boca dos patoteiros e dos lacaios. E tudo isso solidamente garantido pela Ordem cavalar das baias policiaes...

Sabemos de antemão, certissimamente, que todas as promessas dos novos amos e todas as esperanças dos velhos papalvos vão falhar e fracassar. Sabemol-o por dolorosa e longa experiencia. Não, não podemos mais iludir-nos, não nos iludimos mais com a fraseologia sonora, nem com as aparencias engalanadas, nem com cantigas embaladoras. Nada esperamos, nada confiamos, nada acreditamos, nada queremos dos Epitacios graudos e miudos. Porque, á hora em que vamos, só acreditamos em nossa propria ação, nos nossos proprios musculos e nas nossas proprias cabeças.

Novo governo? Velha historia... Nada temos com isso. Só nos interessa a historia novissima da Revolução...

Aurelio Corvino.

E' o metodo que origina, carecteriza e justifica os partidos; e, conforme o metodo escolhido, o caminho trilhado, ou vamos ter ao fim que temos em vista, ou a meta diversa e por vezes oposta. *N. Vasco.*

Chegou a vez da Bulgaria

Si as noticias telegraficas não mentem inteiramente, a revolução maximalista está victoriosa na Bulgaria.

O reisinho Boris e mais a princezinha Nadeja fugidos...

E a burguezada dinheiruda e ladravaz, naturalmente, em maus lençoes.

A onda avulta cada dia, amigos. Alegremo-nos!

E esperemos pelo resto...

NOSSAS CONFERENCIAS

Convocadas respectivamente pelo grupo O Dia da Conferencia, Liga Comunista Feminina, e varias associações operarias, os camaradas A. Palmeira, J. Romero e Anastacio Filho, têm realisado diversas e concorridissimas conferencias em varios locaes.

— Quinta-feira proxima Alvaro Palmeira falará na séde dos Tecelões, rua do Acre, 19.

— Domingo, 10, outro camarada o da palavra na L. C. F.

PARTIDO COMUNISTA DO BRAZIL
(NUCLEO DO RIO)

Reuniu-re hontem, tendo tomado arias deliberações.

Endereço do P. C. B. (N. do R.)—Caixa postal, 1936.

A CAMINHO DA SOCIEDADE NOVA

A Revolução Social na Inglaterra

Por ocasião de um meeting de soldados e marinheiros desmobilizados, no Hyde Park, em Londres, a policia entendeu de dispersar os manifestantes. Mas estes resistiram e obrigaram os policiaes a bater em retirada. Sintomatico e exemplar...

Os telegramas destes ultimos dias têm deixado entrever a grave situação em que se debate a Inglaterra.

A gréve dos mineiros, paralisando o fornecimento de carvão, fez em consequencia paralisar muitas industrias, ameaçando sériamente a vida industrial do Reino Unido.

Por outro lado, a chamada «triplice aliança» dos trabalhadores de transportes, das minas e das ferrovias prepara uma gréve geral para protestar principalmente contra a intervenção militar na Russia e a conscrição militar, perspectiva essa que está alarmando os governantes e capitalistas, como é bem de ver, pois semelhante gréve assumirá proporções nunca vistas no mundo, valendo por uma formidavel demonstração da força operaria e tendo uma significação nitidamente politica.

As noticias telegraficas que nos chegam, resumindo o estado de espirito da imprensa londrina, são sintomaticos.

Um correspondente da United Press, Edwin Hullinger, afirma, em data de 26 ultimo:

«Uma tal gréve geral seria geralmente considerada como tendo um caracter revolucionario, e virtualmente uma tentativa de derribar a ordem estabelecida». E mais: «A imprensa está alarmada, fazendo notar que uma gréve politica será um golpe directo na organização do governo e elevação do bolchevismo».

Outros despachos reproduzem trechos dos jornaes conservadores de Londres.

Por exemplo, do *Morning Post*, orgam da aristocracia e expoente do ultra conservantismo:

«Avisamos o governo de que a revolução está abrindo caminho».

E' perentorio e clarissimo.

Do *Daily News*:

«A ação da triplice aliança trabalhista é o começo da revolução politica. Si o referendum se declara a favor da gréve geral, isso significa que a nação ficará paralisada até o parlamento se entregar».

Do *Evening News*:

«Isso (a gréve geral) significaria que os mineiros, os empregados das estradas de ferro e transportes se arrogariam ao direito de obrigar o governo a adotar os seus pontos de vista... Si nós resistirmos, teremos, sem duvida, a entrada do bolchevismo na nação.»

Esta ultima frase é caracteristica dos metodos de ação da burguezia ingleza. Quando póde resistir, esmaga ferozmente, implacavelmente: quando vê que o não pode, transige e cede, evita o choque extremo e salva algumas prerogativas...

O *Evening Standard* acha que a gréve geral com fins politico-revolucionarios é uma terrivel arma nova na mão dos trabalhadores:

«O programa visa derrubar os metodos actualmente em vigor, politicos e constitucionais, por intermedio de uma arma nova, a gréve geral...»

Numa palavra, pode afirmar-se que tambem a imperialista Inglaterra está sendo sacudida pelo ciclone renovador da Revolução.

Provavelmente, as batalhas revolucionarias nas terras de John Bull não tomarão a feição aguda e sangrenta de outros paizes, devido não só á indole particular do povo inglez, como tambem, em grande parte, á politica burgueza das transigencias. Mas as transformações mais radicais se vão verificando e operando na velha sociedade britanica, revolucionando fundamentalmente a economia e a politica do paiz.

E isto é a Revolução Social em marcha...

De resto, a Revolução é inevitavel, em todo o mundo, por este motivo basico: que as burguezias dominantes no mundo são e estão incapazes de solver os graves problemas sociais agravados pela matança guerreira.

Mensagem de Lénine aos trabalhadores americanos

Esta mensagem foi enviada para a America do Norte em meiados de 1918. Publicaram-se dela varios resumos. A tradução, que reproduzimos a seguir, foi feita na integra sobre o texto espanhol da mesma.

Companheiros:

O encarregado de entregar-vos esta mensagem e um camarada russo que tomou parte na revolução de 1905 e que a seguir viveu varios anos entre vós. Aceitei com prazer este oferecimento, tendo em vista o papel importantissimo que vós, os trabalhadores revolucionarios da America, estais chamados a desempenhar neste momento, quando o nascente imperialismo norte-americano, o mais robusto e o ultimo que entrou na grande matança para assegurar as ambições capitalistas, presta o seu apoio a incursão armada das bestas anglo-japonezas, que pretendem estrangular a primeira republica socialista.

A historia da America civilizada inicia-se com uma dessas grandes guerras revolucionarias e libertadoras, que tão raras hão sido entre a quantidade de guerras de pilhagem e de saque provocadas pelos reis, proprietarios e capitalistas e motivadas pela delimitação de terras e demais proventos da conquista e da rapina. O povo norte-americano, que deu ao mundo um grande exemplo, com a sua guerra de emancipação contra os salteadores inglezes, foi escravizado por uma quadrilha de exploradores arqui-milionarios. E estes modernos negreiros, que em 1898 fizeram de Norte America o verdugo das Filipinas, a pretexto de libertal-as do jugo hespanhol, são os que hoje tentam esmagar a Republica Socialista Russa, a pretexto de «defendel-a» dos alemães.

Não é em vão, porém, que se passam quatro anos de matança imperialista. Provas evidentes e indiscutiveis ahi estão demonstrando a impostura dos salteadores inglezes e germanicos, igualmente embusteiros, os quais têm feito derramar rios de sangue em proveito da insaciavel cobiça de cada parte, no afan de aumentar, cada qual, os proprios meios de dominação. Assim, os resultados desta carnificina sem par têm provado uma vez mais como se cumpre a lei geral do capitalismo aplicada á guerra: o mais rico e mais forte se apodera de quanto cai ao seu alcance, e o mais debil e mais pobre é roubado, escarnecido, despedaçado, esmagado e aniquilado. Os salteadores do bando inglez eram os mais fortes pelo numero dos seus escravos coloniaes; os capitalistas inglezes não perderam uma polegada das «suas» terras, essas terras que roubaram durante seculos, e ainda se apoderaram das colonias alemãs, da Mesopotamia e da Palestina; esmagaram a Grecia e estão roubando a Russia. Os salteadores germanicos eram muito fortes pela organização e disciplina dos «seus» exercitos, porém mais fracos em forças navais e mais pobres em colonias; perderam territorios, mas antes devastaram meia Europa. E ambos os bandos fizeram uma guerra libertadora! Eis como «defenderam a patria» os exploradores de ambas as partes, os capitalistas anglo-francezes e alemães, ajudados pelos socialistas patrioteiros, que aderiram á «sua» burguezia!

Os arqui-milionarios norte-americanos eram talvez os mais ricos e estavam longe do perigo; enriqueceram mais que todos e fizeram, dos paizes mais florescentes, tributarios seus. Cada dólar dos milhares de milhões roubados por estes vampiros leva em si a marca dos imundos tratados secretos celebrados entre a Inglaterra e seus aliados e entre Alemanha e seus vassalos; tratados sobre o mutuo auxilio para a repressão dos trabalhadores, tratados para a perseguição dos socialistas internacionais. Cada dólar leva em si a marca dos abastecimentos militares, rendosissimo negocio que em cada paiz enriquecia mais aos ricos e empobrecia mais aos pobres. Cada dólar leva em si uma mancha desse sangue vertido por 10 milhões de mortos e 20 milhões de mutilados, na grande, nobre, libertadora e sagrada luta realizada para obtenção da maior prêsa e motivada pela rivalidade dos verdugos alemães e britanicos, cada qual mais afanoso por ser o primeiro a escravizar o mundo.

A todos ganharam os alemães pela barbaria das execuções militares; mas os inglezes os superaram no resto, não só pela extensão das colonias roubadas como pela hipocrisia mais subtil e repugnante. E de tal modo contaminaram, com esta hipocrisia, aos seus socios, que ainda hoje a imprensa anglo-franceza e norte-americana difunde nos jornais, por milhões de exemplares, a mentira e a calunia sobre o nosso paiz, tratando de justificar a invasão que nos fazem, realmente com a mira só no saque, mas com o pretexto de defender os russos... dos alemães.

Não ha que empregar muitas palavras para refutar esta mentira indigna; basta recordar um facto por todos conhecido. Quando, em outubre de 1917, os trabalhadores russos derrubaram o regimen imperialista, o governo dos soviets, o governo dos operarios e camponezes revolucionarios, publicamente propoz a todos os beligerantes a paz, a paz sem anexações nem indenizações, a paz que garantisse a todos os povos o exercicio dos seus direitos. E bem sabeis, companheiros, que foi precisamente a burguezia anglo-franceza e americana que recuzou a nossa proposta; foi ela quem se negou a tratar comnosco sobre a paz geral; ela, quem atraiçoou os interesses de todos os povos; ela, quem prolongou a matança; ela, quem, pensando arrastar-nos de novo á guerra imperialista, se negou a participar das negociações de paz e deixou assim de mãos livres os capitalistas alemães, igualmente rapaces, para impôr-nos a paz de anexação de Brest-Litovski. Dificil é encontrar um exemplo de hipocrisia mais repugnante, que essa da burguezia anglo-franceza e norte-americana, ao nos exprobar a «culpa» do tratado de Brest-Litovski. Esses, que podiam, então, e recusaram iniciar negociações para a paz geral, são precisamente esses que se investem do papel de «acusadores»! Os corvos do imperialismo anglo-francez-norte-americano, enriquecidos á custa do saque, da fome e da matança, os que depois de Brest-Litovski prolongaram a guerra por mais um ano, são esses mesmos que nos acusam a nós, bolchevistas, por termos proposto uma paz justa para todos; que nos acusam por termos rasgado, por termos tornado publico, por termos exposto á vergonha do mundo os criminosos tratados secretos entre o antigo czar e os capitalistas anglo-francezes!

Os trabalhadores do mundo inteiro nos saúdam com simpatia por termos rasgado os infames tratados imperialistas e nos aplaudem porque, embora á custa de sacrificios imensos, abandonámos a guerra capitalista. Embora despedaçados e saqueados pelo nosso comum inimigo — a burguezia — levantámos, com a nossa republica socialista, a bandeira da liberdade, da paz e da reparação. Si os imperialistas internacionais nos odeiam, si os lacaios e cães de guarda do czarismo nos maldizem, si os nossos socialistas «revolucionarios da direita» e menchevistas nos acusam, contamos, em compensação, com a simpatia de todos os operarios conscientes, e isso nos dá nova força e nova fé na justiça da nossa causa.

Vós sabeis, companheiros, que só pode chamar-se socialista quem esta disposto aos maiores sacrificios pelo triunfo da causa operaria. E si a revolução proletaria internacional se ha de realizar, ha que subordinar tudo a esse fim. Si para tanto devemos passar pela fome, pela derrota, pelo desmembramento do territorio, pela angustia do momento, aceitemol-o sem medo e sem escrupulo. Pela «sua causa», por conquistar o mundo, os burguezes da Inglaterra e da Alemanha espesinharam e arruinaram os povos, desde a Belgica e a Servia até á Palestina e á Mesopotamia; estrangularam todas as liberdades e acabaram com todos os direitos. E si por uma causa indigna, sordida, malvada, eles escarneceram, violaram, atropelaram, destruiram, incendiaram e assassinaram quanto esteve ao seu alcance, havemos nós de fazer reparos na nossa luta com a burguezia? Não, companheiros; o caminho que conduz á libertação de todos os trabalhadores não póde estar isento de obstaculos, nem devemos esperar que se tenha semeado de rosas. Quem temer pela integridade da «sua» patria, quem pedir uma garantia de exito seguro, quem vacilar na ação, esse pensa com a moral burgueza e atraiçôa o socialismo internacional.

As féras doi mperialismo anglo-francez e norte-americano têm-nos acuzado tambem de havermos celebrado «pactos» com o imperialismo alemão. Ah! hipocritas! Ah! miseraveis caluniadores do governo operario, que tremeis de medo ao ver como simpatizam comnosco os desherdados da fortuna dos vossos proprios paizes! Considerai, companheiros, que esses burguezes fingem não comprehender a diferença que vai de pacto a pacto. Para eles é igual um pacto contra o povo trabalhador ou um pacto em beneficio do povo trabalhador, mesmo com a burguezia de outra parte, como temos feito para aproveitar-nos das inimizades entre os dois bandos de tubarões. Por exemplo, quando os militarotes alemães, em fevereiro de 1918, arremessaram os seus exercitos contra a Russia desarmada e desmoralizada, que tanto confiava na solidariedade internacional do proletariado, sem considerar que a revolução não estava ainda madura em todos os paizes; naquela ocasião, digo, não vacilei um instante siquer em entabolar um certo pacto com os monarquicos francezes. O capitão francez Sadouille, que fingia simpatizar com os bolchevistas, mas que na realidade era um servidor do imperialismo francez, apresentou-me a um oficial chamado Lubersac. «Sou monarquista, disse-me este, e o meu unico fim é a derrota da Allemanha». —«Não ha duvida», contestei-lhe. E não vi motivo algum para não aceitar o «pacto» com Lu ersac, referente aos serviços propostos por oficiais francezes especialistas na colocação de minas, na destruição de vias ferreas, para impedir o avanço dos alemães. Este é um «pacto» que todo o trabalhador consciente aprovará, um pacto no interesse do socialismo. Quando o monarquista francez e eu nos demos as mãos, cada um de nós preferia ver o outro enforcado, mas o facto é que os nossos interesses coincidiam naquele momento. Assim, pois, contra o avanço dos invasores alemães, aproveitamo-nos dos contra-interesses dos seus rivais, os imperialistas da outra banda; tudo pelo triunfo da revolução socialista russa e internacional, porque desse modo aumentavamos as forças dos proletarios e debilitavamos a todos os burguezes. Continuem portanto os alaridos e as calunias; gastem-se milhões para subornar os socialistas revolucionarios da direita, os menchevistas e demais socialistas patrioteiros; pouco importa; estamos dispostos a pactuar com os alemães si a invasão da Russia pelos exercitos anglo-francezes o tornar necessario.

A mesma tactica usou outr'ora o povo norte-americano, em beneficio da sua revolução, utilizando o desacôrdo existente entre inglezes, francezes e espanhoes, até que conseguiu expulsar do territorio todos os opressores.

Insisto, companheiros, sobre este ponto importante das censuras, que se nos dirigem, porque convem desvanecer todos os preconceitos creados pela moral burgueza na mente do operario. «O cenario da historia não se assemelha a Perspectiva Nevsky», dizia o grande revolucionario russo Tchernichevski. Quem pretender se realize a revolução proletaria sem tropeços, duma só vez e pela ação conjunta dos trabalhadores de todo o mundo; quem pretender garantias de triunfo, luta isenta de vicissitudes perigosas, não necessidade de suportar um bloqueio com todas as suas consequencias; quem não estiver disposto a soffer toda a sorte de inclemencias, padecimentos e torturas, —esse nada tem de revolucionario, nem se libertou ainda do pedantismo dos intelectuais burguezes, e em realidade tende a inclinar-se cada vez mais para a burguezia contra-revolucionaria, como os nossos socialistas da direita, menchevistas e até alguns «revolucionarios» da esquerda. Estes são os corifeus da burguezia nas acusações, que se nos fazem, sobre a destruição, a ruina, a fome, a peste e o caos. Vêde, companheiros, quem nos critica: os que applaudiram a guerra imperialista e pactuaram com Kerenski, para prolongal-a! Mas si precisamente é a guerra imperialista a culpada de todos os males! A nossa revolução, nascida da grande guerra, necessariamente devia passar por todas as calamidades, herdadas de tantos anos de matança reacionaria. Não se póde acusar-nos de destruidores e terroristas, sinão por hipocrisia ou pedantismo estupido, incapaz de comprehender as condições fundamentais desta furiosa luta de classes, que se chama revolução social.

Em realidade, esses «acusadores» não aceitam a guerra de classes, mas sim de palavras; na pratica são utopistas da «colaboração», dos «acordos» com a burguezia. E tende igualmente em conta, companheiros, que a nossa empreza toma inevitavelmente a fórma de «guerra civil»; guerra civil que não póde fazer-se sem destruições de caracter gravissimo e sem restrições á liberdade de alguns. Sómente os miopes, cristãos ou laicos, e os socialistas de salão podem entender que as coisas se passem de modo diverso. Só quem tenha perdido o senso comum e real das coisas condenará a revolução por esse motivo; porem os homens de criterio são e robusto, que nos acompanham com toda a valentia e decisão, sabem que os problemas operarios só se resolvem na violencia e por meio da violencia.

Ha no povo americano tradições revolucionarias, assimiladas pelos melhores representantes do proletariado americano simpatico aos nossos métodos. Essas tradições vêm da guerra de libertação contra os escravagistas, a chamada guerra da secessão. Examinando-a apenas por um dos seus aspectos, a destruição de alguns ramos da sua industria, vemos que Norte America estava em 1870 mais atrazada que em 1860. No entanto, muito pedante e idiota ha que ser para negar, baseado em tal circunstancia, o enorme valor, para o progresso humano, da guerra civil de 1862-65. Os representantes burguezes admitem que a abolição da escravatura negra valia bem os longos anos de guerra civil, que ensanguentou todo o paiz, e todo o seu cortejo de ruinas, de destruições e de terror; e agora, quando se trata dum problema incomparavelmente maior, quando se trata de acabar com o sistema capitalista do salario, com a escravatura obreira, não querem esses senhores comprehender a necessidade e a legitimidade da guerra civil. De resto, tambem assim opinam os pusilanimes socialistas reformistas...

Mas os trabalhadores americanos não acompanharão a burguezia; tenho a convicção, reforçada por toda a historia do movimento obreiro universal e particularmente americano, de que estarão comnosco pela guerra çivil contra a burguezia.

Lembram-me ainda as palavras de um dos mais estimados defensores do proletariado norte-americano, Eugenio Debs, o qual, no *Call to the Reason*, si me não engano, em fins de 1915, dizia, num artigo intitulado *Porque estou pronto a batalhar*, que ele, Debs, preferia que o fuzilassem, mas não votaria os créditos para esta guerra criminosa e reacionaria, e que conhecia uma só guerra sagrada e legitima para o proletariado, a guerra contra os capitalistas, luta de libertação da humanidade e pela abolição da escravatura assalariada. Não é de estranhar que Wilson, gerente dos arqui-milionarios norte-americanos e servidor dos tubarões capitalistas, tenha metido Debs na cadeia! Continue a burguezia espesinhando os internacionalistas, verdadeiros representantes do proletariado revolucionario; aceleram assim o advento da revolução proletaria victoriosa.

Quem são os que nos exprobam as desgraças causadas pela nossa guerra civil? São os burguezes e seus satelites, que em quatro anos de tragedia arrastaram a Europa á barbaria, á fome, á ruina, á peste e á desolação! E são esses que pretendem façamos nós a revolução diferentemente; esses, que acabaram com a cultura e de cidades florescentes fizeram montões de escombros; que empilharam cadaveres, que mutilaram e desfiguraram toda uma geração de jovens robustos e vigorosos; que envenenaram a terra, a agua e o ar; que iluminaram os seus crimes com o resplendor dos incendios; que ultrajaram, saquearam, violaram e assassinaram! Que humanitaria e justa e a burguezia!

O terror! Mas esqueceram os burguezes britanicos o ano 1649 da sua historia; e esqueceram os francezes o seu 1793? Para eles o terror é justo e legitimo quando aplicado em proveito deles, e criminoso e monstruoso quando os camponezes e operarios o aplicam contra os burguezes. Linda casuistica! O terror era conveniente, o terror era sagrado, quando o aplicava uma minoria exploradora contra outra minoria tambem exploradora; mas é abominavel quando, em beneficio comum, a maioria do proletariado o aplica contra todos os exploradores.

Os burguezes fizeram matar dez milhões e mutilar vinte milhões de homens, pelo dominio do mundo, disputado pelos bandos beligerantes; ainda que a guerra dos explorados contra os exploradores custe tão só meio ou um milhão de victimas em todos os paizes, a burguezia dirá que a sua guerra era santa e que nefanda e a nossa guerra. Todavia, de outro modo pensarão os trabalhadores conscientes.

Em meio dos horrores da guerra imperialista, aprendeu o proletariado o grande valor desta verdade transcendental: a revolução social não poderá triunfar definitivamente emquanto não tenha sido esmagada a resistencia dos exploradores. E é isto o que fazemos na Russia, companheiros, e ainda reconhecemos serem necessarias maior firmeza e maior decisão.

Sabemos que em todos os paizes é inevitavel a resistencia furiosa da burguezia, e que essa resistencia irá crescendo com o desenvolvimento da revolução; mas havemos de a quebrar, companheiros, e alcançaremos definitivamente a victoria e a liberdade.

Pode a imprensa burgueza, essa imprensa corrompida e venal, exprobar os erros cometidos pela nossa revolução?

Acreditais que, pelo só facto de haver começado a revolução, nós homens nos tenhamos transformado instantaneamente em santos e em sabios? Como não hão de errar os trabalhadores, que durante seculos foram oprimidos, vexados e castigados, vivendo na miseria, na ignorancia e na brutalidade? E depois, como já disse noutra occasião, o cadaver da sociedade burgueza não é coisa que se possa meter serenamente num ataúde e enterrar. O capitalismo, uma vez morto, apodrece, decompõe-se, envenena a atmosfera e corrompe tudo.

A cada erro nosso divulgado pela burguezia e seus lacaios (incluindo entre estes os socialistas da direita e minimalistas), correspondem mil feitos grandiosos e heroicos, que se não tornam publico; feitos sublimes na sua simplicidade, realizados na vida quotidiana do bairro operario ou na pequena aldêa ignorada, por homens que não têm o costume nem a possibilidade de o proclamar aos quatro ventos, com a trombeta da Fama. Mas, admitindo ainda a falsa hipotese contraria, admitindo que por cem actos justos e acertados cometessemos dez mil erros, ainda mesmo assim a nossa revolução seria grande e invencivel, pois que, pela primeira vez na historia, aqueles que não são sabios estabelecem por si sós os fundamentos da nova sociedade, constroem uma vida nova e resolvem os mais dificeis problemas da organização socialista. Cada erro, nesta tarefa sincera e conscienciosa, nesta obra de titans realizada por modestos operarios e componezes, vale mais que milhares de exitos «infaliveis» da minoria exploradora na sua tarefa de ludibrio e rapina dos trabalhadores, pois que só á custa destes erros pudemos prescindir da direção capitalista e aplanar o caminho ao socialismo victorioso.

Não é de estranhar que os nossos camponezes cometam erros na sua obra revolucionaria, si repentinamente aboliram a propriedade privada, na noite de 25 a 26 da outubro (calendario russo) de 1917, e agora, vencendo inumeraveis obstaculos e corrigindo-se constantemente, vão resolvendo por si mesmos o dificil problema da nova vida economica, aplicando o sistema comunista na exploração da agricultura em grande escala.

Igualmente desculpavel é que os nossos operarios cometam erros; além da pesada tarefa de todos os dias, eles têm conseguido dirigir varias industrias, aperfeiçoar a organização dos estabelecimentos nacionalizados, tudo isso á custa de inumeraveis esforços, até vencer o estreito egoismo e os preconceitos herdados da burguezia, e edificar pedra por pedra os alicerces das novas relações sociaes e a moderna disciplina do trabalho estabelecida por intermedio das associações. Desculpavel é que cometam erros os nossos conselhos de operarios e camponezes—este sistema superior de democracia—ao estabelecer a dictadura do proletariado, com o fim de governar-se a si mesmo, sem a intervenção da burguezia e contra esta. Pela primeira vez vê-se aqui a democracia ao serviço das massas trabalhadoras e não a falsa democracia das republicas burguezas. Pela primeira vez milhões de homens intervêm directamente nos seus assuntos e resolvem o problema sem o qual não se pode falar de socialismo.

Os imbuidos das idéas burguezas objectam-nos, por exemplo, que não temos eleições directas; tal objeção prova tão sómente que esses nada aprenderam durante o cataclismo de 1914-1918. A dictadura dos trabalhadores por meio da guerra civil, com a mais ampla participação de todos na politica, não pode ser implantada de pronto nem se adapta aos velhos moldes do parlamentarismo democratico e rotinario. Um novo mundo, o mundo do socialismo, eis o que se levanta deante de nós com a republica dos soviets. E não ha que estranhar por não ter nascido completamente desenvolvido, como Minerva da cabeça de Jupiter.

Emquanto as velhas constituições estataes-burguezas nos pintavam o paraizo da igualdade e da liberdade apenas nominais, estes conselhos de operarios e camponezes, «que cometem erros», lançaram longe de si a hipocrisia da igualdade formal, igualdade que os democratas burguezes jamais se preocuparam de estabelecer entre si e os monarquicos, quando derrubam a estes. Que valor tem a liberdade de reunião para os operarios e camponezes quando os melhores edificios estão em poder da burguezia? Os nossos conselhos tomaram aos burguezes essas propriedades e entregaram-n'as aos operarios e camponezes para que possam reunir-se. Eis como entendemos a liberdade de reunião para os trabalhadores; eis o sentido essencial da nova constituição socialista.

Convencidos estamos, companheiros, de que, quaisquer que sejam os contratempos futuros, a nossa republica dos soviets subsistirá invencivel, porque cada assalto do imperialismo furioso, cada derrota, que nos inflija a burguezia, contribuirá para chamar á batalha novas massas de operarios e camponezes, que a preço de enormes sacrificios vão adquirindo a experiencia e a tempera necessarias para a luta.

Sabemos, companheiros norte-americanos, que a vossa ajuda talvez tarde algum tanto em nos chegar, pois a revolução toma fórmas diversas em cada paiz e não marcha em unisono; sabemos que a revolução proletaria não será em poucas semanas que se apoderará de toda a Europa, apezar das circunstancias a favorecerem mais cada dia, e, contando embora com ela, não somos tão estupidos para supôl-a imediata: vimos na Russia duas Revoluções, a de 1905 e a de 1917, e sabemos que elas não se fazem por encomenda, nem por acôrdo. Mas tambem sabemos que foram principalmente as circunstancias que levaram á revolução os combatentes russos do exercito proletario socialista, não por causa dos nossos proprios meritos, sinão precisamente por causa do atrazo particular da Russia em relação aos demais paizes. Por isso admitimos a possibilidade de que a revolução internacional estale em consequencia de uma serie de derrotas das revoluções em um ou outro paiz.

Estamos, pois, convencidos de que somos invenciveis; de que os nossos ideais não serão despedaçados pela matança imperialista, mas hão de antes sobrepôr-se a ela. Grandes sacrificios temos feito para quebrar as cadeias, mas quebramol-as, e hoje, livres da dominação burgueza, desfraldamos ante o mundo a bandeira vermelha da emancipação, que arremessará definitivamente para o abismo o regimen do capitalismo e da burguezia.

Companheiros, estamos como em fortaleza sitiada e assim continuaremos até que entrem na luta os exercitos internacionais da revolução socialista. Estes exercitos são numerosissimos, estão-se formando, crescendo, revigorando, retemperando nas violencias e atrocidades imperialistas. Que os trabalhadores rompam com os socialistas traidores, como os Gompers e os Scheidemann; que aceitem e pratiquem decididamente a tactica comunista dos bolchevistas, e a revolução será um facto. Só assim se salvarão a cultura, que está perecendo, e a humanidade, que se está afogando.

A revolução proletaria mundial é uma necessidade perentoria. Animo, pois, companheiros, que somos invenciveis!

LÉNINE.

UMA LIÇÃO

Telegramas desta semana noticiam que o governo portuguez, em nome da liberdade de pensamento... republicano, continúa a perseguir os jornaes libertarios, confiscando edições de *A Batalha* e outros.

A este proposito vale a pena recordar a atitude dos graficos de Lisboa, ha um mez e pouco atraz, quando foi da primeira suspensão sofrida pela mesma *A Batalha*:

«Os quadros tipograficos dos jornaes de Lisboa, tomando conhecimento das medidas adotadas pelo governo com o intuito de obstar á publicação do orgam operario *A Batalha*, e convidados a definir uma atitude em presença desse facto resolvem: Não se retomar o trabalho em nenhum dos outros jornaes, ratificando assim as declarações feitas pelo representante de *A Batalha* na reunião das empresas jornalisticas, emquanto as medidas repressivas do governo se fizerem sentir e emquanto a publicação do orgam operario fôr, por qualquer maneira, dificultado».

Eis um belo gesto, naturalmente repetido agora, e que é ao mesmo tempo uma admiravel lição, que muito recomendamos aos nossos graficos.

"A AURORA"

Este é o titulo de uma nova publicação nossa, que acaba de surgir em Petropolis sob a direção de Santos Junior.

Panfleto de critica social, as suas 16 paginas aparecem cheias de boa materia em prosa e verso, e enfeixadas numa linda capa vermelha.

Endereço: rua Westphalia 1207, Petropolis, E. do Rio.

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo respectivamente dos camaradas Astrojildo Pereira e Santos Barbosa.*

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º., sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

Preço para os pacoteiros: 1$000 por paco e de 12 exemplares.

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*